

Executivos de bancos dizem que preço subiu e captar recursos no exterior custaria o dobro do preço anterior

Executivos de bancos e de empresas que tomam recursos no exterior avaliam que uma nova emissão, hoje, custaria o dobro do preço anterior. Até outubro, antes da crise, esse era um dinheiro barato, que custava entre 8% a 10% ao ano para grandes bancos e companhias. "Está muito difícil estabelecer preço para esses papéis por causa da volatilidade dos mercados financeiros", explica o diretor de Corporate Finance do Banco ABN-Amro, Marcos Mاتيoli.



Bancos e empresas brasileiras estavam tomando recursos no exterior por meio de eurobônus, pagando entre 180 e 300 pontos acima da taxa do Tesouro americano. "As telas do mercado mostram que qualquer um precisaria pagar 300 ou 400 pontos a mais do que pagava antes por uma nova emissão", diz Sérgio Zappa, do Unibanco, falando do que ocorre hoje no mercado secundário.

Qualquer bônus de empresa ou País não fica parado na mão do investidor inicial. Eles são negociados no chamado mercado secundário. Na última emissão de bônus, a Cesp pagou 280 pontos acima da taxa básica americana. Atualmente, no mercado secundário, aquele papel está sendo negociado pelo dobro, cerca de 560, segundo o diretor da área internacional, Octávio de Barros. "Enquanto isso estiver acontecendo, ninguém vai fazer nova emissão", diz, explicando que esta situação é a mesma para qualquer empresa.

Segundo os especialistas é remota a possibilidade de sair alguma emissão até o final deste ano. Com isso, o volume de emissões deste ano deverá ser 17% inferior aos US\$ 19,1 bilhões do ano passado, o melhor ano da história desse mercado. E 1997 prometia desempenho melhor ou igual ao de 1996. Até setembro, foram captados no exterior US\$ 14,5 bilhões, 14% mais que em igual período de 1996 (US\$ 12,7 bilhões), segundo dados da Associação Nacional de Bancos de Investimento (Anbid). Levantamento preliminar da Anbid mostra que em outubro as emissões somaram US\$ 1,8 bilhão.

Para testar o mercado, as primeiras operações, que servirão de teste para o mercado, deverão ser de papéis soberanos, emitidos pelo País ou por estatais do porte da Eletrobrás, Petrobrás e outras, avalia o especialista em mercados de capitais internacional do Bozzano, Paulo Henrique Rocha. "Aumentou o risco dos países emergentes e o time do Brasil é esse", afirma Maria Amália, do Banco Opportunity.